

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: *Diário de Notícias*

Class.: *Política Indig. Oficial*

Data: *23 de janeiro de 1984*

Pg.: *P1NR 0640*

Governo quer manter índios desunidos e desorganizados

(Última de uma série)

Após a constatação de que a situação indígena nacional é crítica, com a confirmação do seu estado de pobreza e miséria, sem terras, culturalmente desarticulados e sem muitas chances de um futuro melhor, partimos agora para algumas das soluções apresentadas e pedidas pelos índios para que possam resistir e continuar a sobreviver como povo e ser humanos.

Todas as tribos que estão em contato com os brancos já sentiram a esperteza deles. A experiência vem de longo tempo e puderam notar que sempre saíram perdendo. Na maioria das vezes, não têm conhecimento do valor do dinheiro, não sabem manipulá-lo e nem ao menos conhecem, por não terem a mínima vivência capitalista, a acumulação e a mais valia. O índio nunca jogou com o excedente. Consequência histórica de sua vida nômade e livre. José Porfírio Neto, estudioso e ligado ao problema colocou que "o índio não se preocupa em ser, ele é". Talvez resida nesta afirmação um questionamento a toda civilização branca. Por que o índio é, enquanto os brancos estão sempre querendo ser? Somos a procura constante de uma estabilidade financeira.

Na segunda matéria apresentada sobre o assunto mencionamos o caso dos 68 índios caiabó, que habitavam um seringal do sul do Pará

e que eram impedidos de deixá-lo por estarem comprometidos e envolvidos em tramas de exploração e usura dos seringalistas. Apesar de viverem em regime de escravidão conforme declarou o cacique Prepori, não puderam jamais reclamar. Pelo seu trabalho recebiam apenas roupa e cachaça. Lembrando as palavras de Neander de Oliveira Cesar, jornalista e também ligado ao problema, "a cachaça é a desgraça do índio". A bebida e o medo gerados pela escravidão provocavam a desunião e a perda de dignidade de toda a tribo. Quando ainda dentro do seringal (eles fugiram ajudados pelos irmãos Villas Boas) diziam que queriam ir embora, eram impedidos sob a afirmação de que só poderiam sair após pagarem a dívida que tinham com o dono do seringal. Prepori disse que "índio jamais ia pagar dívida, índio não sabe fazer conta".

Atualmente, todas as nações indígenas que têm contato com os brancos, pedem escolas. Afirmando que precisam conhecer a leitura e aprender a fazer contas. O cacique Tururim coloca como essencial a escolarização de seus filhos e demais crianças pataxós. Vê que não existe mais a mínima possibilidade de estarem afastados dos brancos e que sem estudo, estarão completamente desinformados sobre tudo que precisarão para não serem explorados e manipulados.



O índio vive em estado de miséria.

Escolas da Funai são despreparadas

Mara Vanessa, jornalista e pesquisadora atuante, com vários contatos com tribos pelo Brasil afora, enfatiza que a maioria dos professores levados para trabalhar nas reservas e aldeias não tem o mínimo preparo. Vão para lá, quase sempre pela necessidade do emprego. Sem qualquer conhecimento de antropologia, de respeito a uma cultura diferente. O ensino e a "escola fazem com que os índios se envergonhem de serem índios". Para ela é muito importante saber que tipo de escola deve ser implantada para atender-los. Conta que recentemente, visitando a aldeia dos kaingang de pe-i-ka, no noroeste do Rio Grande do Sul, ouviu de Veti'ag, um dos líderes de lá, que precisavam de escola mas somente para aprender a ler e escrever, não muito mais, pois o estudo afasta os irmãos dos interesses comuns das tribos. Ao que parece a aculturação presente no modelo educacional acaba com a união que é fundamental para a existência dos índios como um povo capaz e culturalmente diferente. Vanessa pergunta onde fica a auto-determinação dos povos, pregada na Declaração dos Direitos do Homem e essencial para qualquer Nação.

José Porfírio Neto, menciona que é comum encontrar nas aldeias, professores que estão quase morrendo de tédio e melancolia. Segundo ele, não estão ali por nenhum amor à causa ou por interesse humanitário, o que ocorre é que precisam do emprego, não também remunerado assim, porém, no meio do mato poderiam economizar um pouco mais. Fica claro que esta situação é muito triste, afastados culturalmente dos brancos, não estão preparados para um contato mais concreto e profundo com os índios, amargurados, ficam por ali fazendo economia sem desenvolver um bom trabalho. Pergunta-se: um comportamento deste tipo traria algum benefício? Não estaria sendo implantada uma escola nos moldes dos brancos sem levar em conta que existia ali uma educação informal, praticada entre eles e que jamais poderia ser desfeita pela escola?

Mara Vanessa que já trabalhou como professora destas escolas, afirma que geralmente a escola, seja ela de índios ou de brancos, tem sido mais um aparelho ideológico do estado do que propriamente um local onde se aprende e ensina algo, prevalece a manipulação sobre os estudantes e do próprio saber. José Neto explica que "a escola é uma necessidade do índio, e eles precisam dela como arma para se defenderem, aprendendo a comercializar e reivindicar seus direitos".

Ambos os entrevistados citam o caso de índios que querem continuar a estudar e que não contam com o apoio da Funai. Exemplificando, falam de Salvinio, índio pataxó, que já tendo terminado o primário não tem acesso ao ensino complementar. Salvinio já esteve em BH, participando da Semana do Índio, promovida pela Newton de Fátima e falou de sua vontade de prosseguir nos estudos. Porque a Funai não lhe dá condições para isto? Salvinio tem medo de deixar a aldeia e acabar pelas ruas pedindo esmolas pois não está acostumado com nosso modo de vida.

Não são muitos os índios que têm acesso à Universidade. Não estaria a Funai e o Ministério do Interior tentando impedir que eles se conscientizem temendo que venham a ter mais conhecimento de seus direitos e criem uma situação difícil para o órgão e o próprio país? Bem sabemos que em todos os processos revolucionários do mundo, os estudantes são sempre fortes e atuantes.

Ler e escrever não é suficiente. É necessário que haja toda uma reformulação no processo de educação indígena e que sejam refeitos os planos de continuidade e extensão deles.

Um dos casos famosos de como o governo brasileiro e a Funai se sentem ameaçados com a organização de índios, por si próprios foram as atitudes que tomaram tentando impedir que Juruna, no ano de 1980 viesse a participar do Tribunal Russel de Direitos Humanos, mas ele conseguiu ir. Outra intervenção magnífica foi do hoje presidente Mário Andreazza, na época já ministro do Interior, ao qual a Funai está subordinada, ao coagir os estudantes índios Terenas, entre eles o Marcos Terena tentando tirá-los de suas escolas e transferi-los novamente para suas aldeias. Foi impetrado "habeas corpus" e os Terenas puderam permanecer estudando.

O presidente Figueiredo declarou por esta época ser contra a Unind por considerá-la inconveniente e apadrinhada por pessoas interessadas em criar um clima negativo entre os índios e o governo.

Governo impede a organização dos índios

O Tribunal Bertrand Russel de Direitos Humanos condenou o governo brasileiro e sua política indigenista declarando que: "as provas orais e escritas apresentadas neste tribunal testemunham inimagináveis tragédias e crimes. O governo brasileiro e a Funai, ilegalmente, encorajam a colonização de terras ocupadas pelos índios e se omitem em proteger os interesses deles nas terras, autorizando que empresas particulares tirem vantagens de incentivos tributários altamente favoráveis para iniciar projetos agrícolas nestas terras".

A participação do representante brasileiro, Juruna, foi conturbada, uma vez que tentaram os nossos governantes impedi-lo de todas as maneiras. Andreazza foi taxativo: "Juruna não irá". O problema agravou-se ao ponto de Juruna receber apoio de várias entidades estrangeiras que desejavam a sua participação. Ele foi e ainda, em decorrência de todos os problemas que teve de enfrentar, terminou nomeado presidente do Tribunal.

O ministro do Interior promoveu várias ações que prejudicaram em muito os índios. Em 1980, através da Funai e do IBDF, resolveu fazer uma redemarcção das áreas da reserva indígena dos Pataxós, logicamente, restringindo-a. Indenizaram cerca de 30 índios individualmente com cadernetas de poupança, distribuídas pela agência do Banco do Estado da Bahia, na cidade de Eunápolis, para que eles deixassem as terras que não mais pertenciam à reserva. Alegou-se ser do interesse do governo, "manter uma das últimas reservas de mata atlântica do Brasil". Uma entidade ligada à assistência indígena, independente do governo disse que "o processo de indenização individual é, na verdade, uma emancipação às avessas, e só contribui para o esfacelamento dos Pataxós como povo e grupo étnico".

Outra atitude encabeçada pelo então ministro Andreazza foi tomada juntamente com Cesar Cals, das Minas e Energias, firmando autorização para empresas estatais extraírem minérios em reservas indígenas, "quando se tratar de minerais estratégicos necessários à segurança e ao desenvolvimento nacional".

A Folha de São Paulo disse: "enquanto a Funai nega, através de seus coronéis, o caráter político e assassino dos atentados contra os índios, empresas como a Slaviero e Atlântica Boa Vista, cujo diretor é filho do ministro Mário Andreazza, continuam a ocupar terras com a conivência e participação direta de agentes terroristas engajados oficialmente nos quadros da Funai".

Uma das únicas vezes em que os índios conseguiram vencer as barreiras levantadas pelo governo foi no caso dos gaviões, habitantes do sul do Pará. Dentro do projeto desenvolvido pelo então presidente da Funai, Bandeira de Melo, "as aldeias deviam ser auto-sustentadas, e, ainda, produzirem para ter um excedente comercializável". A tribo gavião descobriu, através de esclarecimentos feitos por uma antropóloga da própria Funai, que estava sendo explorada e manipulada e, em sua defesa, criou uma entidade que os representasse nas gestões de seus negócios. Este negócio, enquanto controlado pelo órgão governamental, só os utilizou para coletar castanhas, sendo que não participavam da comercialização da mesma, que eram exportadas a preços muito bons. A tribo estava completamente pobre e já havia chegado ao ponto de dar suas crianças quando passaram a gerenciar a exportação. Ficaram ricos, muitos rios. Inicialmente, fizeram algumas besteiras com o dinheiro, em seguida, passaram a refazer sua economia e suas bases animais, instalaram um gerador de energia elétrica na aldeia que já não se lembravam como era e para isto, após verem uma fotografia em um livro de uma taba dos tempos em que a tribo era forte, contrataram um arquiteto para projetá-la de acordo com o que viram. O nome da antropóloga, Iara Ferraz.

A contratação do arquiteto foi rejeitada pela Funai, no entanto o cacique da tribo rica, e de certa forma independente, disse: "Por que só Funai pode morar bem, ver televisão, com dinheiro do índio? Os outros índios estão ruins, passando mal, eu não quero isto não, quero melhorar, dormir bem, morar bem, bonito. Presidente pode vir aqui, mas obra continua, já mandei, ninguém me manda, eu faço".



A meninada índia está sem assistência médica e atacada de verminose.

O curioso disto tudo é que há alguns anos atrás, índios universitários e estudantes de segundo grau, que estavam em Brasília completando seus estudos, fundaram a UNIND - União das Nações Indígenas - na qual, tendo uma visão cultural indígena e outra formal de nível superior dos brancos, tentam estabelecer uma maneira mais justa e menos opressora de lidar com seus povos. Reclamavam que a Funai não possuía competência para apresentar-lhes soluções que a Funai não possuía competência para apresentar-lhes soluções justas e honestas. Existiam, como ainda existem, índios que trabalham dentro da Funai, no entanto, parecem desconhecer os problemas de seus irmãos. A Unind chegou a estabelecer metas bem claras e precisas, mas foi pressionada por todos os lados. Vale ressaltar que esta foi a primeira entidade indígena criada pelos próprios índios. Afé que está todo o problema. Quem melhor que eles mesmos para decidirem o seu destino e processo de integração? Marcos Terena, um dos líderes desta entidade fazia este questionamento e conseguia mostrar que somente os próprios conseguiriam gerenciar as soluções de suas vidas. A Funai apertou o cerco, o Ministério do Interior também, a Unind chegou a enfraquecer.

A Unind não acabou, estrategicamente, trocou de nome e agora atua como UNI - União Nacional do Índio. Parece até que ganhou

mais força. Nela estão representadas várias tribos e nações. Foi uma grande conquista conseguirem centralizar os interesses para que possam, com muito maior propriedade, discutir os aflitivos problemas que vivem. A educação é dos mais sérios.

Hoje em dia sabemos que a educação para os próprios brancos não vai nada bem. Defasada para nós, para os índios muito mais. Criando no índio uma sensação de inferioridade, a escola que lhes tem sido oferecida não respeita caracteres básicos que qualquer trabalho desta natureza deveria ter como premissa: outra cultura, outra didática e mais respeito. O caráter aculturador da escola é humilhante.

Como é comum e sabido, todo o processo de aculturação leva a comportamentos sempre distantes do pretendido. Aquele que passa a rejeitar suas origens comete erros graves e os índios não escapam de fazê-lo. Os índios gaviões recentemente se viram ricos. Inicialmente cometeram as maiores besteiras. Felizmente, voltaram a ter controle sobre o que realmente era importante para si mesmos. De uma situação de miséria e exploração acabaram donos de uma imensa riqueza. Acordados por uma antropóloga, descobriram o poder que tinham em suas mãos fazendo que os planos do então presidente da Funai, Bandeira de Melo, viessem ao chão. Este apenas comercializava a mão de obra indígena, muito barata.



Os índios gaviões são os únicos ricos do Brasil